

## “O MAR É UMA CASA”

O mar é uma casa...

O mar é amor...

O mar é vida.

O mar é grande,

fresco..., mas também pode ser morno.

O mar é salgado,

divertido,

lindo...

O mar é fixe!

O mar é um sítio para descansar...

O mar tem animais;

peixes, cavalos marinhos, tartarugas, tubarões, tubarões brancos, conchas, rochas, estrelas do mar, algas, ...

O mar é uma casa para os animais...

O mar é mergulho...

O mar mete medo...

O mar é praia, é água salgada, é areia...

O mar é azul...

O mar é muito grande!

Tem ondas...

O mar é maravilhoso, fantástico, bonito...

O mar é água, é sal, é casa...

O MAR é VIDA,

é CASA.

O MAR, é AMOR...

(texto criado a partir da voz das crianças – palavras escritas nos “frascos que guardam o mar”, realizados pelas crianças das escolas de Viseu, e que fizeram parte da instalação “pequenos mares”)

Lanço-me para o desenho de cada uma destas palavras em “jeito” de diário sobre a experiência que foi o espetáculo Marinho, bem como a instalação Pequenos Mares, no papel de “observador”.

Uma espécie de diário partilhado, de forma muito especial, com as crianças que fizeram parte desta experiência imersiva que foi o Marinho, e que dão sentido a estas palavras, bem como do trabalho tão inspirador, cuidado, minucioso, e com tanto sentido, da Margarida e do Henrique.

Marinho é um Poema!

Esta escrita, representa aquilo que poderá ser aquela ideia de diário que, já no aconchego da cama, tenho presente na minha memória aquele objeto, aquele livrinho pequeno, com chave e cadeado, e com cheiro a flores, onde escrevia sobre o meu dia...

Acreditando que nunca consegui transmitir para o papel todas as imagens que pairavam na minha cabeça, é sobre o poder das palavras-imagem; palavras cheiro, palavras som, palavras sabor - das palavras que estão (ins)escritas em todas as coisas, mas que não se leem enquanto palavra escrita... é das palavras que se sentem... das palavras que são “coisas”, simplesmente. “Coisas”, porque muitas vezes, quase que parece que não existem palavras que consigam representar e/ou transmitir aquilo que a experiência com as coisas nos faz sentir. Palavras invisíveis que estão por todo o lado e que, de tão invisíveis, carregam em si tantos significados, quantos as infinitas leituras de cada um que as lê; que as vê, que as escuta, toca, sente... Todas diferentes, todas especiais.

Marinho foi esta imersão na imagem, no som, no cheiro, no movimento, nas formas, na voz, na luz, no sentir tudo isto...

O espetáculo Marinho é uma imensidão, tal como o mar, que não se perde no quão infinita é a sua temática, a sua matéria, a sua essência, porque o senti como um microscópio, uma lupa, um olhar, como um primeiro e novo olhar, a cada coisa, aquele olhar do surpreendente, do novo, do maravilhoso, essencialmente sobre o que é pormenor, sobre o que é microscópico e que “não se pode ver”, ou sobre o que nos esquecemos, muitas vezes, de ver... Um ver com calma, com tempo. Um ver que olha ao sentir com o corpo todo, um ver que amplia o pormenor e nos faz pensar, questionar e sentir a ligação e a relação efetiva que existe entre TUDO.

Marinho é um espetáculo laboratório, oficina de experimentação, experiência, criação, invenção... Onde as crianças ficaram fascinadas com o borbulhar da água dos aquários e se reinventam em instrumentos sonoros, dos tubos de ensaio, com as caixinhas de madeira que produziam sons misteriosos e objetos estranhos que, manipulados por um cientista (?), inventor (?), marinho(?), ou por um brincador/explorador de sons, melodias, de “coisas” que se ouviam e nos transportavam para dentro do mar, das águas do mar; quase como se voltássemos para a barriga da nossa mãe e escutássemos as águas onde crescemos...

O límpido, o transparente, o translucido, tudo se mostra, nada se esconde. Isso é bem visível em todo o arsenal musical que compõe o próprio ambiente cénico. Caixas e caixinhas de madeira, carrinhos de laboratório que reluzem, vidro e água que borbulha, que canta, água que canta, que fala. Nada se esconde e este ambiente faz-nos mergulhar como que numa espécie de submarino que tem máquinas.

Onde arte, ciência, filosofia e poesia criam território(s) sem muros, sem fronteiras... se unificam e fazem sentido(s) profundos (como o mar). Um espetáculo lento (de aumento) que transporta para o espaço onde atua uma fusão de histórias reais, imaginárias, que ampliam o nosso imaginário, o nosso pensamento, a nossa realidade, e nos fazem questionar, refletir, pensar, sonhar...

Um espetáculo laboratório, instalação, um espetáculo abraço, mão, viagem, um espetáculo que nos convida a estar sós, mas também com os outros, todos juntos – “marujos, marinheiros” vamos, sem medo, descobrir... Um espetáculo que convida a participar, a fazer parte, ao mesmo tempo que a parar para olhar, escutar, estar...

Um espetáculo mutação, que se vai transformando, criando, que carrega histórias, memórias, que escuta e acolhe, que recebe novas histórias de quem vivência esta experiência artística, que envolve, dá e leva consigo novas vozes, novos olhares.

Marinho foi para mim, acima de qualquer outra coisa, um mergulho nas profundezas do que é a vida, do que é vida.

Um mergulho profundo em mim, em cada um de nós, um mergulho profundo que nos leva a despertar, talvez até mesmo acordar, para olhar de novo.

“Ser? Mas que ser? O meu ser? O teu ser? Que ser?”, são muitas as perguntas, que no poder da voz da Margarida, da forma como articula cada palavra, as pausas, os ritmos, a falar ou a cantar, a olhar nos olhos das crianças, a falar com o corpo todo, nos convida a pensar nelas.

O que diz o meu olhar? O teu olhar? O que diz o teu corpo? O que diz o mar? O que diz uma árvore? Um pássaro que voa, a água da chuva que escorre pela janela? O que diz o meu silêncio? O que diz o meu sorriso? Diz? Ou não diz? O que diz? Quer dizer?

“O movimento das vidas aquáticas, nomes marinhos estranhos das altas profundezas – quanto mais profundo, mais estranho! – É como com a vida... (que vida?) a minha vida? A tua vida? A nossa vida? A vida destes seres? Mas que seres?”

“Ir de vez!!” – diz a Margarida! Ir...Ir...Ir... Ir de vez! Sem hesitar! É ir... com força! É um maravilhoso convite à descoberta, (dá vontade de levantar do lugar e ir), ao ser um descobridor de coisas, de ir fundo, sem hesitar, arriscar, sem medo; como fazem as crianças. Sempre uma nova pergunta, um querer saber tudo, como funciona, o demorar, o mexer em tudo, o desmontar, o revirar tudo, o virar e ver do avesso... sem medo de errar. Investigar ao pormenor, o conhecer, (um)o sem fim de possibilidades. O ser um descobridor, um criador, um inventor!

É, também, como na canção da corda; “... e força para avançar, para viver, Ainda...” e logo todas as crianças se organizam para ajudar, juntos, a puxar a corda! “Uma viagem não se faz sozinha, todos juntos é mais fácil!”

No “momento do mergulho”, a forma como a Margarida expressa na sua voz... a forma como se conjugam e articulam todos os elementos/ambientes do mar usados no espetáculo para criar mar, com a voz do homem, da tal molécula, mergulhamos numa história sobre a vida, para além daquele mergulho nas profundezas do mar, das histórias do mar! Foi um momento onde senti que causou estranhamento nas crianças, ao mesmo tempo que questionamento.

Os pequenos pormenores que compõem o espaço cénico, bem como os figurinos e adereços, a luz, as projeções e o poder das transparências e do movimento das águas, dos líquidos, o texto, a voz, fazem-nos contemplar e ficar embalados por tudo isto.

O sal que a Margarida deixa cair da concha, é quase como se fosse um começar, como se fossem uns pozinhos de perlim-pim-pim, tal como o “ritual” dos búzios, quase como um ritual primitivo e tribal. Uma voz, um som de sereia, musa, que nos leva para um tempo, lugar, longe, ao mesmo tempo que perto e que nos transportam para lugares(?).

“(...) mares onde o mundo se expandiu.”

“A minha, a tua vida? Uma molécula que viria a ser? Ser? Que ser?”

“(...) e surgiu a vida! Mas, qual vida?”

“(...) o que é que tu sentes?”

“Corajosos, fortes, marinheiros!!” Convida a ser, cada um, o marinheiro das suas viagens – “ei, ei, ei” – a música do momento final que nos transporta para uma dimensão real do momento da pescaria (momento da corda).

Um espetáculo de pensamentos que brotam das sensações e emoções provocadas pelo desconhecido. Imagens e sons desconhecidos que ainda suscitam à criação de novas imagens imaginárias, umas que lhes metiam medo, outras que os faziam rir. Imagens e sons misteriosos que se fundem e diluem com os sons e movimentos de água, de sal, de pedras, conchas e búzios, de um corpo que conta uma história, que a vive no seu corpo, no seu movimento, na sua voz. Nos seus silêncios e nas suas pausas tão intensas que também são voz, uma voz poderosa que dá espaço para pensar, imaginar e sonhar.

Marinho foi uma experiência estética que combinou diversas formas de expressão artística, não se esgotando na experiência que se viveu no próprio tempo e espaço do espetáculo que nos fez entrar numa espécie de aquário, ao mesmo tempo que submarino, talvez como os frascos transparentes que guardaram o mar, que as crianças criaram, mas que nos faz transformar, também nós, em frascos que guardam aquela recordação que foi o Marinho, na nossa memória sensorial, e nos provoca a vontade de descobrir outras paisagens, também elas, intensas e carregadas de mar(es) como o Marinho.

É como se este espetáculo não tivesse um fim, permanece vivo em cada um, para lá da sua efemeridade. Para lá do seu tempo e lugar que cria e amplia o(s) tempo(s) e o(s) lugar(es) de cada um e de cada coisa.

Não sei se pelo facto de as crianças terem construído os frascos que guardam o mar, antes de assistirem ao espetáculo, e a partir daquilo que conhecem do mar, daquilo que sentem sobre esta temática, daquilo que imaginam, daquilo que já experienciaram, ou daquilo que nunca experienciaram mas que têm uma imagem do que poderá ser o mar, uma vez que houve crianças a assistir que nunca viram o mar, a palavra mais forte que senti ao escutá-las, de forma geral, é que o mar é CASA. É casa, e é AMOR, e é VIDA. Porque casa é abrigo, abraço, crescer, amor, aconchego, é mãe, pai, é família, proteção, paz, calor, é ficar, ... E o mar, apesar dessa imensidão líquida que faz deslumbrar e ao mesmo tempo mete medo, é uma casa para os animais que nele vivem.

As suas vozes nos seus olhares, no espanto, na contemplação, nas suas expressões. A curiosidade, o surpreendente e, a cada instante um som, uma imagem, um movimento, uma palavra, que provocava muitas emoções, pensamentos, questionamentos...

No fim, as crianças têm muita vontade de mexer no sal!

A imagem final do mar, projetado no sal, criando uma arena no chão, projeção das ondas que vão e veem, provoca nas crianças a contemplação, a observação, ao mesmo tempo que uma vontade que os atrai a experimentar aquela espuma que é, mas que não é, e dizem: “apetece por as mãos na água!”. Marinho trouxe a Viseu um mar que são muitos mares, muitas casas, muitas vidas, muitos sonhos...

Mara Maravilha

Viseu, Novembro 2019